

---

SUJEITOS URBANOS E FLORESTAIS NA FIGURA BARREANA

BERNARDO DA MATA

---

NIRCE APARECIDA FERREIRA SILVÉRIO\*

---

#### RESUMO

Este artigo aborda discussões sobre o sujeito, sob o viés da Análise do Discurso, em especial as reflexões em torno do consciente e inconsciente, liberdade e assujeitamento, ideologia e poder; e as associa à memória e ao interdiscurso. É analisado um poema do livro *O guardador de águas*, de Manoel de Barros, em que aparece Bernardo; buscamos a interdiscursividade presente na representação de um sujeito urbano e florestal.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito, memória, interdiscurso, ideologia, poder.

#### INTRODUÇÃO

Em torno da figura de Bernardo, sujeito que aparece em vários livros de poesia de Manoel de Barros, há alguns questionamentos correntes entre os que lêem este tipo de texto, em que um sujeito é constituído. As principais dúvidas que se mostram são: será Bernardo o próprio Manoel de Barros? Será o peão de sua fazenda (pois ele existe e inspira o autor, segundo depoimento em entrevista)?<sup>1</sup> Ou será simplesmente um sujeito criado no intradiscurso barreano? A Análise do Discurso, ao problematizar a idéia de sujeito, nos oferece possibilidades para a compreensão destes questionamentos.

Dessa forma, apresentamos aqui algumas discussões em torno da idéia de sujeito na Análise do Discurso bem como as caracterizações da memória e do interdiscurso nessa área de conhecimento.

---

\* Mestranda em Linguística na Universidade Federal de Uberlândia.  
E-mail: nirces@bol.com.br

Falar de sujeito sob o olhar da Análise do Discurso implica expor os embates teóricos que se dão em torno dessa idéia. Assim é que se torna imprescindível falar de consciente e inconsciente, assujeitamento e não-assujeitamento, nível do enunciado e nível da enunciação, ideologia e poder, elementos presentes na constituição da idéia de sujeito discursivo.

Segundo a visão da Análise do Discurso francesa, derivada dos trabalhos de Pêcheux (1997), a concepção de sujeito se dá a partir das teses althusserianas sobre o marxismo e a psicanálise. Pêcheux afirma que os sujeitos são interpelados pela ideologia e, sob seu domínio, se manifestam discursivamente, operando dois *esquecimentos*: o *esquecimento n. 2*, em que o sujeito, dominado por uma formação discursiva, seleciona, no seio dela, enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase; e o *esquecimento n. 1*, segundo o qual, o sujeito falante não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.

O *esquecimento n.2* corresponderia, então, na teoria lacaniana, ao consciente, e o n. 1 ao inconsciente. No primeiro, o sujeito teria a ilusão de ser a fonte do que diz, de ser a origem de seu dizer e, no segundo, teria a ilusão de controlar os sentidos do que diz. Ao elaborar esses conceitos, Pêcheux toca num ponto central: a idéia de sujeito na Análise do Discurso, que retorna através de outros autores, mas de maneira reelaborada. A teoria pechetiana leva-nos a reflexões sobre a liberdade ou o assujeitamento, o consciente e o inconsciente, o fato de o sujeito ser ou não a fonte de seu dizer, e ainda às discussões sobre a ideologia e o poder.

A questão da interpelação dos sujeitos e de sua inserção e determinação numa luta de classes é o principal alvo de críticas a Pêcheux. Para Gregolin (2004), o próprio Pêcheux se critica nessa questão por meio da retificação que anexa à tradução inglesa de *Le Vérité de La*

Palice (1978), a respeito da forma como caracterizara o sujeito nesse livro, em que ele fala de “sujeitos assujeitados a uma interpelação bem sucedida, a assujeitamentos acabados” (GREGOLIN, 2004, p. 139); e, no anexo, refaz esses conceitos, falando das formas de resistência do sujeito a assujeitamentos, o que se dá através de equívocos, faltas, falhas, *witz*, que podem ocorrer na realização discursiva.

É nesse anexo também que Pêcheux critica Foucault por não levar em conta o marxismo e a psicanálise em suas análises. Entretanto, quando esse último autor fala de “micro-poderes” não está descartando o poder do Estado (GREGOLIN, 2004). Ele considera que os sujeitos sofrem coerções e que “existem quatro grandes grupos de técnicas de exploração, e suas correlatas resistências” (GREGOLIN, 2004), assim nomeadas:

- a) *as técnicas de produção*, graças às quais produzem-se, transformam-se e manipulam-se os objetos;
- b) *as técnicas de sistemas de signos*, que permitem a sua utilização e produção de sentidos, de símbolos, de significações;
- c) *as técnicas de dominação* que objetivam os sujeitos;
- d) *as técnicas de si*, que levam o sujeito a relacionar-se com seu corpo e sua alma e a modelar-se de acordo com instruções que lhe são oferecidas. (GREGOLIN, 2004, p. 143. Grifos da autora)

As técnicas que exercem coerções sobre o sujeito acenam para um contexto sócio-histórico-cultural, o que nos leva a um sujeito inserido na História, atravessado e constituído por ela. Trata-se, portanto, de um processo que implica um *eu* e um *Outro*, sendo este o inconsciente, o interdiscurso, o já-dito, a memória. O sujeito é então clivado pelo consciente e o inconsciente e não é nem livre nem assujeitado. Segundo Possenti (1996), os sujeitos “são integralmente sociais e históricos e integralmente individuais; por isso, cada discurso é integralmente pessoal e circunstancial e, como consequência, cada discurso é integralmente interdiscursivo e relativo ao mundo exterior” (p. 42-43).

Como dissemos, o sujeito é também constituído por uma memória, mas não daquela que se refere a aspectos neurobiológicos, ou psicológicos. Trata-se nesse caso da memória discursiva, assim caracterizada por Pêcheux (1999, p. 52):

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Para Foucault, os discursos se estruturam a partir de sua menor unidade, que seria o enunciado, e seu conjunto constitui uma formação discursiva, explicada do seguinte modo:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (2002, p. 43)

Os discursos se dão em um espaço discursivo que se realiza por meio do intradiscorso que é “o conjunto dos elementos de co-referência que garante aquilo que se pode chamar “o fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito” (PÊCHEUX, 1997, p. 166).

Num discurso há um entrelaçamento de alteridades que podem ser observadas, às vezes, de forma explícita, na superfície do texto (teríamos, então, a heterogeneidade mostrada); ou de forma implícita, quando não há marca evidente na superfície do texto, mas ela pode ser identificada pelo analista a partir de hipóteses sobre um interdiscorso que constitui uma formação discursiva. Nesse caso, trata-se da heterogeneidade constitutiva (AUTHIEZ-REVUZ, 2004).

## ANÁLISE DO POEMA

Pote Cru, Apuleio, Bernardo, Roupa-Grande, idiotas de estrada, estafermos fazem parte do cenário de sujeitos constituídos pelo sujeito autor Manoel de Barros, e os quatro últimos estão, também, no livro *O guardador de águas*. Na crítica literária estes sujeitos em geral são confundidos com o autor, ou com sujeitos reais. Por meio da análise dos sujeitos representados num poema de Manoel de Barros, buscaremos explicitar as diferenças entre esses sujeitos, bem como mostrar a constituição de sujeitos urbanos e florestais a partir do poema selecionado para análise.

Delimitamos como *corpus* a ser analisado um poema do livro *O guardador de águas* que faz referência a Bernardo. Essa escolha se dá em função de aparecer esse sujeito em outras obras do autor, sendo nesse livro mais de uma vez mencionado. Ele é o próprio guardador de águas, visto que “Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros”, mas, se pensarmos nas remissões que esse sujeito representa, podemos pensar em Bernardo como o poeta, como o “guardador de rebanhos”, como o criador de uma linguagem que possibilita falar de *águas*, como um sujeito florestal ou como um sujeito urbano.

Analisaremos o segundo poema da parte intitulada “O guardador de águas” do livro de mesmo título:

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.  
Ele faz encurtamento de águas.  
Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros  
Até que as águas se ajoelhem  
Do tamanho de uma lagarta nos vidros.  
No falar com as águas rãs o exercitam.  
Tentou encolher o horizonte no olho de um inseto e obteve!  
Prende o silêncio com fivela.  
Até os caranguejos querem ele para chão.  
Viu as formigas carregando na estrada duas pernas de ocaso  
para dentro de um oco... E deixou.

Essas formigas pensavam em seu olho.  
É homem percorrido de existências.  
Estão favoráveis a ele os camaleões.  
Espreado na tarde –  
Como a foz de um rio – Bernardo se inventa...  
Lugarejos cobertos de limo o imitam.  
Passarinhos aveludam seus cantos quando o vêem.  
(BARROS, 1998, p. 10)

Esse é o segundo poema do livro *O guardador de águas* de Manoel de Barros, cujo título faz uma remissão ao de Fernando Pessoa, *O guardador de rebanhos*. Essa remissão se dá por meio da heterogeneidade mostrada; entretanto, quando buscamos a heterogeneidade que constitui o livro, e, mais especificamente, esse poema, podemos vislumbrar melhor, os novos sentidos produzidos, que representam um diálogo com *O guardador de rebanhos*. Sobretudo o tempo e o lugar em que o enunciado *O guardador de* retorna.

Nossa análise busca os sentidos do retorno desse enunciado, verificando que *O guardador* pode ser de rebanhos ou de qualquer outra coisa. Se remontamos à memória discursiva e histórica em torno desse enunciado, o encontramos originalmente na Bíblia, onde ele significa o que cuida, o que zela, o que não deixa acabar, o que dá sentidos e identidade a determinada coisa, a determinado rebanho. Nesse caso, o sentido remeteria aos cristãos, que assim deveriam se manter e se proteger, se cuidar e se fortalecer através do zelo de um guardador de rebanhos.

O livro de Pessoa, expresso através do heterônimo Alberto Caeiro, mostra um sujeito guardador de rebanhos, que são seus próprios pensamentos. Trata-se de um sujeito que valoriza pequenos acontecimentos e elementos da natureza e que privilegia a importância de sua aldeia, do pequeno rio nela existente, de uma flor, de uma tarde. Que prefere antes um espaço do campo ou de uma pequena cidade que o espaço urbano.

“O guardador de águas” tanto tem o sentido bíblico, que o poema de Pessoa também tem, como traz o discurso do *guardador de rebanhos*. Assim, retorna a temática do guardador, porém, agora, ao invés de rebanhos, guardador de águas. Qual é o sentido desse retorno? Por que essa mudança para águas?

Estamos diante de um *corpus* que se insere numa formação discursiva poética. Trata-se de um poema de um autor mato-grossense, escrito entre 1985 e 1989, portanto, de um autor contemporâneo, o qual se alia a regularidades de formações discursivas poéticas contemporâneas, heterogêneas em suas formações e não únicas. A regularidade nele observada é a reflexão sobre a realidade sócio-histórico-cultural, a reflexão sobre o uso e a constituição da linguagem, o estabelecimento de um diálogo com regularidades de outras formações discursivas poéticas etc.

Dessa forma, o sujeito autor, por meio do enunciado o *guardador*, evoca um discurso cheio de religiosidade presente na Bíblia, mas também traz o discurso sobre o drama do ser humano contemporâneo, que se vê em um meio ambiente desgastado, devastado, que clama por cuidados, ambiente que é preciso guardar, zelar. Nesse processo ser humano e ambiente se misturam e a religiosidade não é descartada; assim como o ambiente e o homem, ela precisa ser guardada.

O guardador, que, no poema de Manoel de Barros, tem o nome de Bernardo, se investe de uma missão religiosa de cultuar as águas, de zelar por elas. Essas águas, ao mesmo tempo que representam o líquido incolor que constitui rios e que pode ser apanhado em pequenas porções pelas mãos de Bernardo, significam uma série de outras coisas.

A água representa, por um lado, a linguagem que Bernardo busca com as mãos ao tocar o rio, e aqui, torna-se necessário separar Bernardo, o sujeito constituído no livro e no poema – presente no intradiscurso barreano – e o sujeito autor que se faz representar por Bernardo. Bernardo busca um dizer, o dizer da água, mas uma água transformada, modificada, água que reflete o sujo, o ser humano e o tempo que vivencia

a linguagem, a ação negativa de um mundo consumista sobre seres que não sabem o significado da exploração, do uso, da divisão, do descartável.

O poema e o livro de Manoel de Barros se filiam a outros autores e a outras formações discursivas poéticas da literatura brasileira que focalizaram paisagens e ambientes naturais. Quanto a essa temática, o livro se filia a autores como Gonçalves Dias, Olavo Bilac, José de Alencar, Thomás Antônio Gonzaga etc. Entretanto, se pensarmos nesses autores e nos ambientes por eles constituídos, o poema de Manoel de Barros destoa deles, por apresentar uma desarmonia ambiental.

No poema, em meio a um contexto natural, há uma aparente harmonia, embora o ciclo natural da vida soe estranho. Os dois grupos de palavras que podemos separar a partir do poema se integram, pois constituem o sujeito guardador de águas; mas se os associarmos às filiações a poemas bucólicos de outros autores, eles se opõem. Esses grupos são os seguintes: 1) rãs, lagarta, inseto, oco, formiga, camaleões, homem, lugarejos, foz de um rio, limo, passarinhos, olhar do inseto, bichos, horizonte, tarde, silêncio; 2) vidro, fivela. Se por um lado o primeiro grupo caracteriza bem um sujeito florestal, o segundo lembra o sujeito urbano e muitas das coerções que o estressam, como o excesso de barulho e movimento das grandes cidades, a produção de lixo, a deterioração de rios etc.

Dessa forma, Bernardo é um sujeito florestal, reconhecido pelos caranguejos, pelos passarinhos, apoiado pelos camaleões, mas guarda água em um vidro; por esse detalhe que faz oposição a tanta harmonia, os discursos contemporâneos de necessidade da preservação ambiental são trazidos. Temos, por um lado, a ação do sujeito Bernardo, constituído no intradiscurso barreano, apanhando um pouco da água do rio com as mãos; por outro, temos o sujeito autor trabalhando com a idéia de guardar águas, ou seja, o ser humano, com sua linguagem, sua harmonia e tudo que se faz pela linguagem: o meio em que vivemos, os seres que somos nesse meio e nossas possibilidades de sermos sujeitos nele.

Assim, Bernardo não é meramente o peão da fazenda de Manoel de Barros, mencionado em entrevistas, apesar de trazer um pouco desse

sujeito pela sua singularidade e ligação com a natureza. Não é, também, meramente um sujeito florestal, pois traz consigo o discurso do mundo globalizado, capitalista e consumista expresso nos enunciados *vidro e fivela*. Não é, então, somente um sujeito florestal como revela a heterogeneidade constitutiva que nos lembra outros sujeitos inseridos em uma realidade bucólica.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise do poema vemos que o significado da expressão *fivela* não é comum, como a de parte de um cinto, mas é um instrumento com o qual Bernardo *prende o silêncio*. Esse sentido nos traz o momento histórico contemporâneo, mostrando a importância e a raridade do silêncio, numa remissão a lugares (como o centro das grandes cidades, onde o silêncio é raro) em que ele precisa ser preso. O guardador de águas é um pouco estranho, pois guarda uma água diferente: *apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros*, como se destruísse a natureza. Nessa imagem o rio fica espremido nos vidros, numa situação sufocante, estressante, em oposição a toda a liberdade de que desfruta no seu ambiente natural. Apesar de ter a mata como assinatura, faz encurtamento de rio e o espreme em um vidro.

Portanto, ele não é somente da mata, apresenta traços de urbanidade, no seu guardar água e também em desejar prender o silêncio. Se é necessário prender o silêncio é porque há lugares em que ele não existe, e o guardador aprecia a mata, pois nela ele o encontra. E parece realmente conhecer o não-silêncio de outros lugares, pois é *percorrido de existências*.

URBAN AND FOREST SUBJECTS IN THE BARREAN CHARACTER BERNARDO DA MATA

#### ABSTRACT

This article discusses the subject in the view of Discourse Analysis, especially highlighting the reflections around consciousness and unconsciousness,

freedom and subjection, ideology and power associating them with memory and interdiscourse. By analyzing a poem from the book *O guardador de águas*, by Manoel de Barros, in which Bernardo appears, we seek to find the interdiscursivity present in the representation of an urban and forest subject.

KEY WORDS: Subject, memory, interdiscourse, ideology, power.

---

#### NOTA

1. Entrevista concedida a Cynara Menezes, do jornal *O Povo*, em 14/11/1998.

#### REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Marlene Teixeira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARROS, Manoel de. *O guardador de águas*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BÍBLIA SAGRADA, São Paulo: Editora Ave-Maria, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 11-21.

POSSENTI, Sirio. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, Izabel. (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora da UnB, 1996. p. 37-47.